

# **EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: ELEMENTOS CULTURAIS NO ENSINO DE PLE**

Gislene Lima Carvalho<sup>1</sup> (UECE)

[gislc@bol.com.br](mailto:gislc@bol.com.br)

## **Considerações iniciais**

Língua não é mero instrumento de comunicação, ela é, antes de tudo, forma de expressão de uma sociedade. Os elementos linguísticos, como as palavras e as expressões, são fortemente influenciados pela cultura na qual a língua se insere. A língua é, portanto, representação cultural de um povo e expressa sentimentos e visões da realidade desta. Um dos elementos que possuem forte valor cultural dentro de uma língua são as Expressões Idiomáticas.

As expressões idiomáticas são elementos linguísticos formados por duas ou mais palavras que apresentam fixação/repetição no uso, cujo valor semântico não corresponde à soma de seus elementos constituintes. As EI são fortemente influenciadas pela cultura que subjaz à língua em questão e, geralmente, não são compreendidas por falantes que não compartilham desta cultura.

Embora as EI sejam peculiares à língua que as utiliza, são expressões universais visto que todas as línguas naturais fazem uso delas. No entanto, cada sociedade apresenta um conjunto de expressões que são criadas e utilizadas de acordo com suas visões de mundo e suas manifestações culturais.

Esta pesquisa, que se insere no âmbito da Linguística Aplicada, foi realizada com o objetivo de analisar de que forma as EI estão sendo abordadas no ensino de língua portuguesa a falantes de outras línguas. Para isso, foram analisados 9 livros didáticos de português para estrangeiros, dos quais foram retiradas as atividades que abordavam as EI, em seguida, verificou-se em qual fase da aprendizagem estas se inseriam: apresentação, memorização e uso.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Pos LA) e bolsista da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES). Orientanda do Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.

Verificou-se também se estas atividades consideram o valor cultural destas expressões e se contribuí ou não para um efetivo aprendizado das EI por falantes não nativos da língua portuguesa.

Neste artigo, inicialmente será feita uma discussão acerca do termo cultura, suas possíveis interpretações e um levantamento da literatura referente às EI. Em seguida, serão discutidos conceitos referentes a livro didático e ensino de língua estrangeira. No terceiro tópico, será feita a discussão acerca dos resultados obtidos nesta pesquisa. Por fim, a conclusão deste trabalho, possíveis contribuições e lacunas a preencher.

## **1. Cultura e Expressões Idiomáticas**

O termo cultura tem sua origem no latim *cultus* que se refere a cultivo e tem relação direta com o campo. Na atualidade, esse termo tem gerado discussões e controvérsias no que se refere a sua interpretação. Todas as sociedades, seja antiga ou moderna, apresentam visões de mundo, costumes e crenças que definem sua forma de viver e que identificam e individualizam os indivíduos pertencentes a elas. Estas visões caracterizam a carga cultural deste povo, tema que tem sido o foco de inúmeros trabalhos que tentaram definir e delimitar o termo cultura. São estes elementos, constituintes da cultura, que formam o homem, pois segundo Geertz (1989) sem cultura o homem não existiria.

O desafio de ensinar uma língua estrangeira, atualmente, tem trazido à tona o debate sobre a importância da cultura e da participação desta no processo de ensino-aprendizagem. Isto, segundo Kramsch (1996, p. 1), deve-se ao fato de que os “Educadores temem que a simples aquisição de sistemas linguísticos não é garantia de paz e compreensão mundial.” O fato é que a cultura passou a fazer parte das salas de aula de língua estrangeira. No entanto, a definição do que seja cultura ainda é algo que apresenta variadas faces e gera controvérsias.

O termo cultura perpassa diversas áreas do saber – antropologia, educação, psicologia - podendo referir-se aos costumes de uma sociedade, ao conhecimento adquirido por esta sociedade ao longo do tempo, o comportamento desta diante da vida e sua forma de encará-la. Tudo isso forma a cultura de um povo. Como afirma Ortíz Alvarez (2002, p. 158)

*(...) cada sociedade tem características próprias que a diferenciam das demais, o conteúdo do que é cultura, sua dinâmica e sua importância, enfim, tudo isso deve variar bastante de uma comunidade para outra, inclusive dentro de uma mesma também acontece, portanto, seria mais do que interessante e de grande motivação, com certeza imprescindível, o estudo e análise dos valores culturais da língua-alvo.*

Há variadas definições de cultura, não somente na distinção culto-inculto, erudito ou popular, mas como tudo o que é aprendido, adquirido por um povo e passado de geração a geração. Assim, são manifestações culturais: a música, a dança, os costumes, a culinária e, principalmente a linguagem. Nesse sentido, o meio de comunicação e, do mesmo modo o uso da língua, é forma representativa desta cultura.

A concepção primeira de cultura remete aos gregos e refere-se a conhecimento, educação, e expressões artísticas praticadas por alguém. De acordo com esta visão, só os letrados eram detentores de cultura. Assim, cultura resumia-se a conhecimento e saber literário ou artístico.

Em uma visão mais ampla, o termo também pode ser usado para fazer menção a um conjunto de elementos artísticos de dada comunidade ou comportamentos comuns a esta. Geertz (1989) define cultura com um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções - para governar o comportamento. Concordamos que estes mecanismos são adquiridos, porém não se restringem a conhecimento literário ou artístico, mas sim “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo [ser humano] como membro de uma sociedade”. (Edward Tylor [1871] *apud* Laraia, 1986, p. 25).

Esta noção mais abrangente do termo cultura é utilizada para referir-se às formas de viver e de agir de um povo, bem como suas manifestações artísticas, vestimentas, comportamento, literatura, língua e tudo o que lhe seja peculiar. É essa concepção ampla de cultura, conforme Santos (1994), como conhecimento, ideias e crenças que determinam a vida social de um grupo ou nação, que adotaremos neste trabalho. Assim, em um mesmo espaço pode haver uma cultura da sociedade como um todo, bem como de um grupo menor inserido nesta que se caracteriza por apresentar uma cultura diferenciada, ou seja, várias culturas interagindo em um mesmo espaço.

A linguagem é um dos componentes da cultura, é uma manifestação cultural que individualiza, de certa forma, a maneira de se expressar de cada sociedade e que deve ser ensinada e aprendida em relação com os costumes da comunidade de fala em

questão. A língua é, portanto, instituição social e está intimamente relacionada à cultura do povo que a utiliza.

Esta relação entre linguagem e cultura torna-se importante para o ensino por ser uma relação inicialmente estabelecida, já que não existiria língua sem seus falantes e estes apresentam intrinsecamente uma cultura. Daí alguns autores utilizarem o termo língua-cultura como algo inseparável e não partes independentes.

Nesta pesquisa, abordaremos a relação existente entre cultura e língua. Acreditando que são termos indissociáveis, utilizaremos o termo língua-cultura, pois “a linguagem é um dos principais componentes da cultura” (FONTES, 2002, p.178), e “uma das principais formas em que a cultura se manifesta” (KRAMSCH, 1996, p. 3), não podendo língua ser vista dissociada da cultura ou vice-versa. Esta relação torna-se mais perceptível no ensino de línguas estrangeiras.

O processo de ensino de línguas estrangeiras visa à formação de falantes competentes em uma língua da qual o aprendiz não possui domínio e, muitas vezes, não possui conhecimento da cultura que a subsidia, limitando-se ao que sobre esta ouviu falar. Neste sentido, o ensino não deve prender-se somente à nomenclatura gramatical, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da competência comunicativa do falante nos mais diferentes contextos de comunicação.

Para que se atinja este objetivo, o ensino de língua deve estar relacionado à cultura peculiar ao povo e que interfere e, de certa forma, determina sua interação com o mundo. Portanto, ensinar uma língua é, antes de tudo, ensinar a cultura de um povo, pois a linguagem reflete a identidade cultural da comunidade que a utiliza. Assim,

*“Dissociar cultura de ensino de língua é privar o aluno do conhecimento do modus vivendi dos falantes de uma língua específica. Somente o conhecimento da cultura torna possível chegar ao sentido de determinadas expressões. (...) se a cultura for negligenciada, a compreensão acerca de determinadas construções linguísticas inexistirá” (MATTES & THEOBALD, 2008, p. 9)*

## 1.1 Expressões Idiomáticas

As **expressões idiomáticas** são expressões formadas por duas ou mais palavras que apresentam graus de fixação, cujo valor semântico não corresponde à soma de seus elementos. Elas foram convencionadas pela comunidade de fala e não possuem significado transparente, ou seja, não podem ser compreendidas pelo significado de seus

elementos isolados. Então, “não se pode mais recuperar essa relação, (...) de sentido totalmente arbitrário”. (TAGNIN, 2005, P. 69).

As EIs perderam totalmente o valor semântico de seus elementos isolados e adquiriram um valor convencionado pela sociedade, ou seja, o plano da expressão não corresponde ao plano do conteúdo, são, portanto, idiomáticas já que seu significado, na maioria dos casos, é opaco por não ser deduzido por suas partes. As EI não são autônomas, elas carecem de um sujeito determinado para que sejam inseridas na oração, no discurso. Estas expressões fazem parte das línguas e, segundo Jorge (2001, p. 216) elas

*“descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires... Mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade.”*

São as EIs que melhor representam a fraseologia de determinada língua, pois apresentam todas as categorias definidoras destas expressões:

**Pluriverbalidade:** são formadas por duas ou mais palavras.

**Ex:** pisar em ovos; No (a) frigir/fritada dos ovos.

**Fixação:** são utilizadas quase sempre da mesma forma. Há graus de fixação, podendo as EIs ser mais ou menos fixas.

**Ex:** engolir sapos.

**Idiomaticidade:** seu significado não corresponde à soma de seus elementos.

**Ex:** pagar o pato.

**Convencionalidade:** foram aceitas e repetidas pela sociedade. **Ex:** chutar o balde.

As EIs são utilizadas para dar maior expressividade ao enunciado. São usadas naturalmente a ponto de passarem despercebidas por falantes nativos da língua, já que são automaticamente acessadas pelo interlocutor que compartilha esta língua.

## **2. Livro Didático e Ensino de Línguas**

O livro didático (LD) tem sido uma importante ferramenta de auxílio ao ensino, atuando como suporte ao professor. A importância da presença do LD em sala

de aula fez com que fossem criadas leis e programas federais que legislam sobre sua escolha e uso.

No Brasil, em 1929, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) com vistas a legitimar o uso do LD. Em 1938 foi criada a Comissão Nacional do Livro (CNL) que elabora as principais leis sobre produção e distribuição de LDs no país. Em 1985, as medidas foram ampliadas e foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Com estas medidas, foram distribuídos milhões de livros a alunos de escolas públicas de ensino fundamental em todo o país.

A preocupação com os materiais didáticos pode ser comprovada com os eventos realizados cujo foco é a análise de LD. Estudiosos buscam auxiliar aos autores e preencherem lacunas deixadas em materiais anteriores. Como exemplo dessa atividade, podemos citar o Simpósio do livro Didático de Língua Materna e Língua Estrangeira (SILID) que já realizou sua terceira edição na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RIO).

Com relação à língua estrangeira, apenas em 2011, o Ministério da Educação passa a incluir as línguas estrangeiras modernas (Inglês e Espanhol) na área de **Linguagens, Códigos e suas tecnologias**, compondo o conteúdo curricular do Ensino Médio, considerando que estas línguas fazem parte do conteúdo básico deste nível de ensino.

O guia do livro didático de línguas modernas para o ano de 2012 apresenta resenhas sobre livros avaliados e propostos aos professores. São avaliados um total de 10 livros, sendo 3 de espanhol e 7 de inglês. Embora a inclusão das línguas modernas seja recente, o ensino de línguas estrangeiras é uma atividade mais antiga.

O ensino de línguas estrangeiras é um processo que há tempos vem sendo desenvolvido, no entanto, foi na segunda metade do século XX que houve um maior avanço destes estudos no mundo. Neste período, surgiu a Linguística Aplicada (LA), “área de conhecimento explícito, objetivo e sistemático” (ALMEIDA FILHO, 2009) que se ocupou de estudá-lo cientificamente.

Com a expansão do ensino de línguas e, conseqüentemente, da LA, a elaboração de materiais didáticos voltados ao ensino de línguas também apresentou um notável crescimento. Contudo, o ensino de línguas ainda é um processo bastante discutido entre os linguistas aplicados, bem como o processo de elaboração e análise dos materiais didáticos (livros, CDs, DVDs, softwares, etc.) que o subsidiam.

O ensino de línguas, seja materna ou estrangeira, sofre a influência de fatores diversos. Um desses fatores é o material didático adotado pelo professor. Neste trabalho, iremos analisar somente um tipo desses materiais, o LD, de uma língua específica, o Português para falantes de outras línguas.

O livro didático representa um forte elemento de mediação entre o estudante e o conhecimento. Ele está presente na vida escolar mesmo antes do surgimento da imprensa, quando os próprios estudantes produziam seus escritos. Hoje, o LD divide espaço com outros materiais didáticos e, principalmente, com as novas tecnologias tão presentes entre nós.

Concernente ao ensino de línguas estrangeiras, o LD torna-se um instrumento de suma importância, uma vez que este é, em sala de aula, na maioria das vezes, o principal e talvez o único contato com a língua em estudo. É o LD que norteia o trabalho do professor de línguas, sendo, muitas vezes, a autoridade na sala de aula.

Todavia, é inegável que os LDs de PLE analisados, embora tenham qualidade, ainda apresentam algumas lacunas que precisam ser preenchidas. Considerando que o LD, segundo Diniz, Stadiotti e Scaramucci (2009), é o principal referencial de um professor de LE e pode afetar ou mesmo determinar o planejamento do curso pelo professor. É preciso considerar que ele traz a língua-cultura e a escolha deste deve ser bem pensada por parte do professor, pois ele irá interferir na visão de mundo que os alunos terão sobre os falantes nativos da língua em estudo.

## 2.1 Ensino de línguas

O processo de ensino/aprendizagem de línguas é algo complexo que envolve não só conhecimento do que se ensina/estuda, mas também elementos extrínsecos ao conteúdo sobre o qual se debruçam professores e estudantes. O ensino de línguas estrangeiras, em particular, envolve o fator cultural da língua que se ensina/estuda. Ensinar uma língua estrangeira não envolve apenas professor e aluno, há por trás do processo que se desenvolve em uma sala de aula, modos de pensar e de viver que divergem em maior ou menor grau, as diferentes culturas. O professor que se dedica ao ensino de uma língua, na maioria dos casos não nativos, envolve-se ainda com a cultura compartilhada pelos falantes dessa língua.

Os estudantes de uma língua estrangeira, por sua vez, geralmente não mantêm contato com a língua que estudam, não estão em um contexto de imersão, o que faz com

que o único elo entre este estudante e a língua-alvo é o professor e o material didático utilizado por ele.

Chamamos de língua estrangeira (LE) àquela que é aprendida em ambientes totalmente fora do qual se fala a língua em questão. Este ensino acontece de maneira formal, com livros didáticos, em instituições de ensino, visto que os aprendizes não estão no contexto de imersão. Os professores, quase sempre, são falantes não nativos da língua e esse ensino visa a um melhor entendimento com os falantes nativos da língua ou apenas à escrita e leitura de textos literários ou científicos.

A variedade a ser ensinada será aquela de maior prestígio econômico e social. No caso do português, algumas escolas escolhem a variação de Portugal e outras, a do Brasil. Seja qual for a variante escolhida para o ensino, há que se pensar nas diferenças que falantes de outras línguas encontrarão para a compreensão na língua-alvo, neste caso, o português.

O aprendizado de uma LE deve acontecer em duas modalidades, de acordo com Almeida Filho (2007, p. 12):

*Uma que busca o aprender consciente, monitorado, de regras e formalizações, típicos da escola enquanto instituição controladora do saber, e outra que almeja a aquisição subconsciente quando o aprendiz se envolve em situações reais de construir significados na interação com outros falantes/usuários dessa língua.*

Dentro dessas modalidades, a segunda nos interessa por levar em consideração as situações reais de comunicação, na construção de significados frente a falantes nativos da língua em que se deseja obter competência comunicativa.

### **3. Discussão dos resultados**

Como dito anteriormente, esta pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar a presença de elementos culturais no livro didático de português língua estrangeira (PLE).

Dos 9 livros selecionados para esta análise, 7 apresentaram atividades que abordam as EI. As atividades consistem em listas de apresentação das EI, além de textos e atividades de relacionar. A seguir, analisaremos 3 das atividades encontradas nos materiais em questão.



## Atividade 1

### EXPRESSÕES E HUMOR

Valter Soares

Ficou tão emocionado com o sucesso da cirurgia que deu um **nó na garganta** e morreu asfixiado.

A **menina dos olhos** da velha se afogou nas cataratas.

É preciso **ter muito peito** para mandar reduzir os peitos.

**Quem vê cara, não vê coração...** ou então deve procurar uma mais barata.

O homem sem dentes defendia seus direitos com **unhas e gengivas**.

Aquele desdentado tinha muitos defeitos, mas, pelo menos, não **roía as unhas**.

Alternativa para transplante de coração: **fazer das tripas o coração**.

É preciso **ter muito saco** para aguentar um **puxa saco**.

O orador profissional não era pago à vista, porque só tinha **conversa fiada**.

Falou tanta besteira que acabou de **papo furado**.

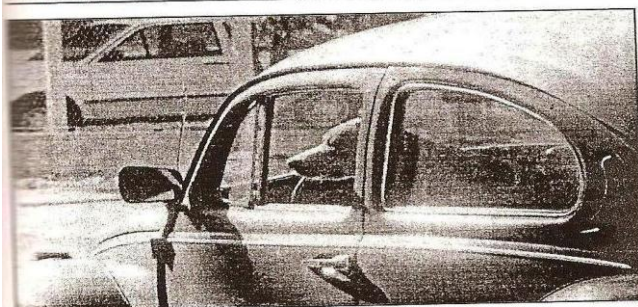
Será que assistente de canhoto é seu **braço esquerdo**?

A atividade acima, como se pode perceber, consiste em uma sequência de frases nas quais as EI são utilizadas em uma “brincadeira” e são consideradas em uma interpretação literal.

O texto em questão pode ser bem aproveitado pelo professor que irá utilizar o material que o apresenta, no entanto o material não apresenta uma atividade aprofundada sobre estas expressões, muito menos sua relação com a cultura brasileira.

## Atividade 2

### Só rindo



Há muitas expressões idiomáticas que incluem as palavras **cão** e **cachorro**:

*Que vida de cão!*

*Esta vida é boa pra cachorro!*

*Esta vida é ruim pra cachorro!*

Assim como na foto, nem sempre há muita lógica nessas expressões. Então, mergulhe no inusitado e faça uma narrativa sobre o **cãozinho do fusca**.

A atividade 2, transcrita acima, pede que o aluno escreva um texto narrativo a partir das EI citadas. Este tipo de atividade é muito comum, utilizar as EI para desenvolver atividades de escrita e oralidade sem maior atenção ao caráter cultural, ou figurado, presente nestas expressões. Nota-se que as EI são tratadas como expressões sem “muita lógica”, no entanto não se discute o porquê desta característica e a riqueza que envolve este tipo de expressão linguística.

### Atividade 3

276

Papo furado	Full of hot air
De cabeça no ar	Head in the air
Estar /ficar de orelha em pé	Suspicious, alert, curious
Cabeça de vento	Airhead
Foi por água abaixo	Went down the drain
Só dá trabalho	Only makes a problem
Assim não dá	Not possible
Não dá bem com...	He/she doesn't get along with
Boa vontade	Good will
De má vontade	Unwillingly
Contra minha vontade	Against my will
Dar uma colher de chá	Give another chance
Não é da minha conta	It's not my business
Pular de alegria	Jump for joy
Dar folga	To give a break
Tirar folga	Take a day off
Ter um fraco por	Have a weakness for
Contar vantagem	To boast/to brag
Você é tora de série	You are one of a kind
Estou com vontade	I feel like
Mandachuva	Big boss
Estou brincando	I am teasing you /I am kidding
É proibido fumar	It's forbidden to smoke
É proibido entrar	It's forbidden to enter
Entre sem bater	Enter without knocking
Bata antes de entrar	Knock before entering
Onde é a saída?	Where is the exit?
Onde é a entrada?	Where is the entrance?
Onde é o banheiro?	Where is the bathroom?
Onde é o toailete?	Where is the rest room?
Entrada proibida	Entrance prohibited
Entrada gratuita	Free admission
Onde é a fila?	Where is the line?

A atividade acima foi a mais encontrada nos livros analisados e é também a que menos contribui para um aprendizado das EI por parte dos estudantes. São as listas que apresentam as EI como meras curiosidades da língua. Estas listas não deveriam sequer ser consideradas atividades, uma vez que não propõem nada acerca das expressões. Servem apenas para mostrar aos alunos que elas existem, cabendo a estes memorizá-las por conta própria. Não há relação com cultura, significado ou algo que faça menção ao que gerou tais expressões.

### Considerações Finais

Com base no aqui exposto, sabemos que as EI são uma representação da cultura linguística de determinada língua. O não conhecimento destas expressões pode

causar mal-entendido ou mesmo confusão entre os interlocutores desta língua, caso um destes não conheça o significado destas expressões. Fillmore (1979) alcunhou os falantes de uma língua estrangeira que não possui este conhecimento de falante/ouvinte ingênuo. Para o autor este falante age com ingenuidade por compreender a língua apenas literalmente e não seu valor figurativo.

Com esta pesquisa, podemos concluir que as EI estão sendo abordadas nos materiais que se destinam ao ensino de línguas estrangeiras, no entanto, esta abordagem está sendo feita de maneira superficial. As EI estão sendo “lançadas” ao estudante de forma assistemática, não sendo feita uma discussão acerca de seu caráter idiomático ou cultural. O ensino pode acontecer por repetição e memorização, mas isso também depende da postura do professor diante do que se apresenta nos materiais didáticos.

As atividades encontradas não contribuem para uma aprendizagem efetiva da língua, muito menos para que haja assimilação das EI pelos estudantes. A maioria das atividades se insere no nível da apresentação das EI, cabendo ao professor ou ao próprio aluno criar novos métodos para o ensino destes elementos do léxico da língua portuguesa.

É necessário que sejam criadas maneiras de ensinar a língua portuguesa não apenas em sua forma gramaticalmente prescrita e aceita, mas, sobretudo, a língua realmente falada pelo povo que a utiliza no dia a dia, neste caso não apenas as EI mas os provérbios, colocações e muitas outras expressões que pertencem a língua devem ser inseridas no ensino de forma sistemática e que visem a uma formação da competência linguística do falante, retirando-o da condição de ingenuidade. Para isso, podem ser usados textos autênticos de fontes reais, afinal as EI não são um bicho de sete cabeças e devem, portanto, deixar de serem tratadas como o patinho feio das línguas naturais.

### **Referências:**

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Ed. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

DINIZ, L. R. A.; STRADIOTTI, L. M.; SCARAMUCCI, M. V. R. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: DIAS, R; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). *Livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009

FILLMORE, C. J. “Innocence: a Second Idealization for Linguistics.” In: *Berkeley Linguistic Society*. 5, 1979.

FONTES, S. M. Um lugar para a cultura. In: CUNHA, M. J. C; SANTOS, P. *Tópicos em português língua estrangeira*. (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JORGE, G. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. In: *Polifonia*. Lisboa: Edições Colibri, n.º 4, 2001, pp. 215-222. Disponível em: [http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/ mesa\\_txt5.pdf](http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/ mesa_txt5.pdf). Acesso em 12 set. 2009.

KRAMSCH, C. *The cultural component of language teaching*. 1996. disponível em: [http://www.spz.tu-rmstadt.de/projekt\\_ejournal/jg\\_01\\_2/beitrag/kramsch2.htm](http://www.spz.tu-rmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm). Acesso em: 05 ago. 2010.

LARAIA, R. B. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MATTES, M.; THEOBALD, P. (Org.). *Ensino de línguas: questões práticas e teóricas*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C; SANTOS, P. (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TAGNIN, S. E. O. *O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal, 2005